

al-madama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#27 (tomo 1) Jan. 2024

GEOFÍSICA NO PORTO DOS CACOS (ALCOCHETE)

novos dados



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição de imagens com ortofotografia que regista a interpretação geomagnética dos dados adquiridos no centro oleiro do Porto dos Cacos (Alcochete), em 2022, sobreposta por foto da mesma zona que mostra os dois fornos cerâmicos de época romana aí identificados nas campanhas arqueológicas de 1985-1990. Fica agora evidente que integram um conjunto de quatro fornos.

Fotos | © Félix Teichner e Florian Hermann / Philipps-Universität Marburg e Jorge Raposo / Centro de Arqueologia de Almada

Almadan
online

2.ª Série, N.º 27, Tomo 1, Janeiro 2024

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição |

http://issuu.com/almadan

Periodicidade | Semestral

Apoio | Associação dos Arqueólogos Portugueses / Câmara Municipal de Almada / Arqueohoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica** |
Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo |

Nelson J. Almeida, Lara Bacelar Alves,
José Arnaud, Luísa Batalha, Maria

Teresa Blázquez, Carlos Boavida,
Jacinta Bugalhão, Guilherme Cardoso,
Vera Cardoso, Tânia Casimiro, Leandro
Costa, Ana Curto, José Domingos,
Vitor Durão, Jorge Feio, Miguel
Filipe Correia, Diogo Teixeira Dias,
José d'Encarnação, Cristina Ferreira,
Cristina Gameiro, Ricardo Miguel
Godinho, Florian Hermann, Célia
Lopes, Vasco Loubet, João Marques,
Andrea Martins, Patrícia Monteiro,
Vanessa Navarrete, César Neves,
Franklin Pereira, Júlio Manuel Pereira,
João Pimenta, Eduardo Porfírio,
José Carlos Quaresma, Jorge Raposo,

Armando Redentor, Jorge Manuel
Resende, Natacha Ribeiro, Artur Rocha,
Joel Santos, Sílvia Monteiro Santos,
Miguel Serra, Pedro da Silva, Ricardo
Costeira da Silva, Sofia Silva, Miguel
Martins de Sousa, Felix Teichner,
João Pedro Tereso, António Valongo
e Rui Venâncio

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Na segunda metade da década de 1980, a identificação e escavação parcial da olaria do Porto dos Cacos, em Alcochete, contribuiu decisivamente para o conhecimento da socioeconomia da região estuarina do Tejo no período romano e na transição para a Antiguidade tardia, nomeadamente no que respeita à produção cerâmica para uso doméstico e, em particular, de contentores anfóricos destinados à “indústria” de transformação de pescado e à sua exportação em grande escala para o vasto território imperial entre os séculos I e V d.C. Mais de três décadas depois, foi agora possível voltar ao sítio com as técnicas que a Geofísica aplicada a Arqueologia entretanto desenvolveu e, sem intrusão no subsolo, obter novos dados que reforçam o que podemos antever do enorme potencial científico e patrimonial aqui preservado, e confirmam as razões que justificaram a sua classificação como Sítio de Interesse Público e a delimitação de uma generosa Zona Especial de Protecção.

Aos três fornos revelados pela Arqueologia, a interpretação geomagnética junta pelo menos mais dez, o que torna o Porto dos Cacos um dos maiores centros oleiros de época romana que conhecemos no espaço hoje português. O tema é detalhado em artigo que preenche as primeiras páginas desta *Al-Madan Online* e se junta à já extensa bibliografia dedicada a um sítio a preservar, onde urge lançar as bases para a sua futura investigação, valorização e fruição pública.

Também merecem destaque nesta edição outras descobertas e intervenções arqueológicas em sítios e contextos de diferentes cronologias, da Pré-História à contemporaneidade, distribuídos pelo território continental e pelos mares dos Açores.

O mesmo sucede com os estudos de bens móveis, que recorrem tanto à epigrafia, à numismática e à toponímia, como à abordagem etnoarqueológica de produções cerâmicas, à interpretação de monumentos funerários ou à interligação da rede viária com as estratégias de povoamento.

No espaço de opinião é questionada a “indesejável dicotomia” entre a Arqueologia preventiva e a investigação académica, havendo ainda reflexões sobre a relação entre a Arqueologia, a Arte e o Património cultural material e imaterial.

A encerrar, notícias de actualidade arqueológica e da sua relação com outras áreas científicas, comentário a eventos recentes, agenda dos que se perspectivam para os próximos meses e destaque das novidades editoriais mais relevantes.

Mas a boa leitura pode começar já pela crónica de abertura, desta feita dedicada à sistematização de algumas sugestões para comunicar ciência “com peso, conta e medida”.

Em suma, creio estarem reunidas as condições para que este seja mais um tomo prazeroso e estimulante, e expresso o voto de que possa ser fruído em segurança e com saúde.

Jorge Raposo, 26 de Janeiro de 2024

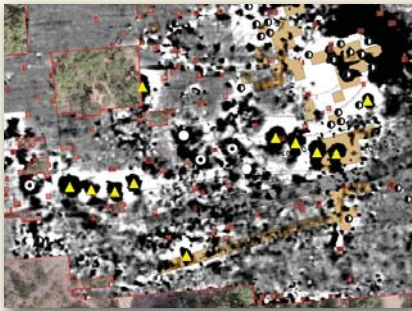
EDITORIAL... 3 ▶

CRÓNICA

Comunicar com
peso, conta e medida |
José d'Encarnação... 6 ▶



ARQUEOLOGIA



Prospecção geofísica no Porto dos
Cacos (Alcochete): novos dados sobre
um importante centro anfórico |
Felix Teichner, Florian Hermann,
José Carlos Quaresma, Jorge Raposo
e Miguel Filipe Correia... 9 ▶

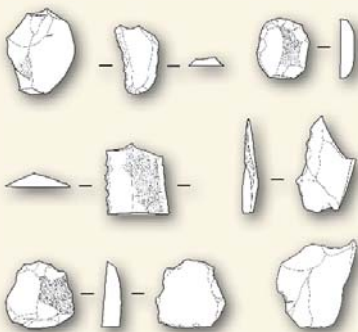


Arqueologia histórica por terras do Bombaral:
primeira abordagem às intervenções realizadas
no Palácio Gorjão e na Capela de São Brás |
Miguel Martins de Sousa... 56 ▶

Descoberta da estação romana
de Porto de Muge (Cartaxo) |
João Pimenta e Vasco
Loubet... 20 ▶



Os canhões do
ilhéu de Vila Franca
do Campo | Diogo
Teixeira Dias... 73 ▶



O sítio neolítico
do Monte Espigão
(Alcarraques, Trouxemil,
Coimbra): notícia
preliminar | Júlio Manuel
Pereira... 33 ▶

Projeto Arqueológico do
Outeiro do Circo (Beja):
campanha de 2021 | Miguel
Serra, Eduardo Porfirio e
Sofia Silva... 49 ▶



Arqueologia do
lixo religioso | Joel
Santos... 80 ▶



OPINIÃO



Time goes by so slowly...
e a Arqueologia Preventiva e a
investigação académica, (continuum)
uma indesejável dicotomia? |
Cristina Gameiro... 89 ▶

O contributo dos
monumentos epigráficos
para o estudo do Castro de
Alvarelhos (Trofa) e da
romanização do norte de
Portugal | Leandro
Manuel Coelho da
Costa... 113 ▶



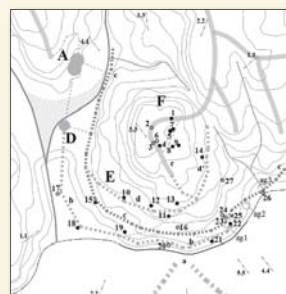
ESTUDOS



O *tesouro* de Santa Marta: numismas romanos
à porta de *Olisipo* | Artur Rocha e Maria
Teresa Blázquez... 98 ▶



Os *dolia* da Horta de São Francisco,
Alvito: uma reflexão etnoarqueológica |
Jorge Feio e Luísa Batalha... 107 ▶



O altar do
tipo panónio de
Casével, concelho de
Santarém | Vera
Cardoso e Guilherme
Cardoso... 124 ▶



Em torno da freguesia de Cinfães
em meados do século XIII | Jorge
Manuel Resende... 130 ▶

Transformação da estrutura
de trajectos, do povoamento
e das povoações: o Tejo e
Olisipo, da Idade do Ferro à
Romanização | Vitor
Durão... 143 ▶

ARQUEOLOGIA E ARTE



Arqueologias em
movimento: instalação
artística e *performance*
“Dei-te o Mundo de
Bandeja” | Pedro da
Silva... 156 ▶

PATRIMÓNIO



Fernando Monteiro Fernandes (1957-2023):
ferreiro e artesão imaginário | Franklin
Pereira... 163 ▶

EVENTOS

IV Congresso da Associação dos
Arqueólogos Portugueses... 179 ▶

Conferência assinala os 25 anos do projeto de
investigação do Morraçal da Ajuda (Peniche)... 182 ▶

Agenda de Eventos... 184 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Willow tree on the beach: o curioso achado de uma estatueta de
resina “Na Praia” em Tróia | António Valongo e Tânia Casimiro... 174 ▶

Grupo de trabalho em BioArqueologia portuguesa | Ana Curto *et al.*... 178 ▶

NOVIDADES EDITORIAIS... 185 ▶

Comunicar com peso, conta e medida

José d'Encarnação [Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Hesitei muito – confesso – em partilhar as reflexões que se seguem. O facto de, em meados de 2023, depois de algum tempo passado sem participar em reuniões científicas, ter estado presente em duas, onde, a meu ver, o faz-de-conta aconteceu levou a sujeitar-me conscientemente a críticas severas.

Ao lamentar com um amigo o facto de aquela peça teatral de bom nível – tanto de argumento como de representação – ter estado pouquíssimo tempo em cena, confidenciou-me ele: a companhia precisava de justificar os subsídios e poucas representações bastavam para tal.

Lembrei-me, a propósito, que se multiplicavam as reuniões científicas ‘internacionais’, em que, no fundo, acontecia endereçar-se convite a dois ou três amigos estrangeiros e isso era o bastante para lhes conferir o carácter internacional tão bem visto pelos avaliadores de projectos ou de entidades. Não interessava se haveria muitos ouvintes; se se proporcionaria uma participação substancial; se os estudantes iriam comparecer significativamente; ou se tudo isso não passaria, afinal, de mui agradável convívio entre oficiais do mesmo ofício.

Na verdade, todos temos consciência clara de que nascemos com objectivos. Deles paulatinamente nos vamos apercebendo como de missão a cumprir. Chama-se a isso «*vocação*». A determinado momento da vida, a jovem que, em pequena, sonhara ser médica, verifica ser para a advocacia que está talhada – e por aí envereda e tem êxito. Estava vocacionada para isso. E cria uma imagem de advogada competente na defesa de órfãos. O músico, além de ser criador de melodias, assume-se publicamente. Não imaginamos um Vitorino sem boina basca nem um Pedro Abrunhosa sem impenetráveis óculos escuros...

Esquecemo-nos de que já existe uma ciência importante, imprescindível mesmo para os políticos e para as personalidades ‘públicas’: a ciência da imagem.

O professor cria a sua imagem na aula; o investigador que vai apresentar oralmente o resultado da sua investigação e que,

obviamente, quer que o oiçam e o apreciem, tem também de zelar pela sua imagem. Apresentar um *PowerPoint* com gralhas, uso deficiente das maiúsculas transmite uma imagem de desmazelo. Pode a sua teoria ser a mais credível do mundo, mas... se ele nem sequer é capaz de ler com atenção as poucas frases que gravou nos diapositivos!... Pode o tema ser original, uma pedrada no charco, fruto bem saboroso de pesquisa mui fecunda, mas... Queres que te oiçam, que apreciem as conclusões a que chegaste? Cuida da tua imagem!

Já assististe, decerto, a sessões onde há dois ou três ouvintes que acenam ostensivamente a cabeça a mostrar assentimento com as ideias expostas pelo orador. O conferencista até cede, amiúde, à tentação de reparar neles e de os considerar mais do que os outros, porque lhe dão a ideia de que estão mui atentos, são até os mais atentos de todos e não resiste a olhar mais para eles do que para os demais. Tal estratagema (por vezes, quiçá, inconsciente) gera uma boa imagem, passível de, no futuro, vir a acarretar bons dividendos. Perdoar-se-me-á, pois, se alinhavo duas ou três sugestões, que valem para todos. Sim, desculpe, para todos, não apenas para os mais novos. Lembro-me sempre daquele amigo catedrático convidado por uma autarquia para abordar tema em que era especialista e se enquadrava na série de conferências em causa. Trazia na mão o livro que estava a ler. Após a saudação inicial, mostrou o livro: «*De leitura imprescindível*», garantiu. Passou todo o tempo a dizer do autor, do livro, das ideias aí expressas, do interesse que lhe despertara, de como seria bom que todos tivessem oportunidade de o ler... Programara-se a conferência para uma hora. 50 minutos passados, ainda o senhor falava do livro que trazia na mão e que viera a ler no comboio. Só nessa altura se apercebeu de que fora convidado para tecer considerações acerca de um tema bem diferente e que ele, afinal, despachou em cinco minutos, sublinhando, por mais do que uma vez, ser o tema deveras interessante e que era uma pena não ter tempo para o desenvolver um pouco mais...

“Esquecemo-nos de que já existe uma ciência importante, imprescindível mesmo: a ciência da imagem [...]. Pode o tema ser original, uma pedrada no charco,

fruto bem saboroso de pesquisa mui fecunda, mas... Queres que te oiçam, que apreciem as conclusões a que chegaste? Cuida da tua imagem!”



Lembrei-me, por isso, de – correndo o seriíssimo risco de ensinar o padre-nosso ao vigário – alinhar duas ou três sugestões:

- 1) Ter em conta o público-alvo, de forma a adaptar a ele a terminologia a usar e o grau de aprofundamento do tema a tratar.
- 2) Respeitar o tempo previsto. Não querer meter o Rossio na Rua da Betesga. Acelerar... só no autódromo!
- 3) Cingir-se ao essencial. Não pode o comunicante estender-se por inúmeros campos, entrando por todos os desvios que o caminho principal lhe apresentou. No tempo dos Romanos, tinha-se a via e os *diverticula*, os caminhos secundários. Tudo o que é complementar poderá incluir-se nas actas ou, então, será oportuno tema para outro artigo.
- 4) Escolher o fundo do *PowerPoint*: a cor, o enquadramento, o módulo dos caracteres: vêm-se? Na comunicação há que ter em conta dois sentidos: a audição e a visão – e nem sempre se repara que a visão também é importante. Não há problema em perguntar se se vê bem, se se ouve bem. Se há microfones, é porque a organização achou bem que se usasse. Use-se! E tenha-se em consideração que há microfones direccionais que obrigam a falar mesmo diante deles. Claro que houve, previamente, por parte dos organizadores o cuidado na iluminação da sala, para se evitarem reflexos, chapadas de sol.
- 5) Dá má impressão incluir diapositivos que depois se não apresentam, sob pretexto de falta de tempo. De resto, haverá preocupação de, num dos diapositivos antes do fim, se apresentarem, em frases curtas, incisivas, claras, as ideias fulcrais que se pretenderam transmitir. E o último diapositivo será a repetição do primeiro acrescido da frase de agradecimento.
- 6) Dá muito má impressão apresentar textos com gralhas ou com deficiente uso das maiúsculas. Aliás, neste aspecto, não seria boa ideia dar, de vez em quando, uma olhadela à gramática para se tomar consciência de quando e como se deve utilizar a inicial maiúscula? E usar bem as vírgulas, não separando, por exemplo, o sujeito do predicado (para usar a terminologia hoje arcaica, mais compreensível).
- 7) E, se me dá licença, eu volto ao n.º 2, o do tempo: dê-se tempo ao ouvinte para ler o que se projecta. Não haja medo de fazer silêncio. É preferível o silêncio àqueles âãs arrastados, que também demasiadas vezes se ouvem na televisão, quando os intervenientes não sabem conter a respiração...
- 8) Uma palavra ainda acerca do tempo disponível para «discussão». Nesse âmbito, o papel principal cabe ao moderador, a quem compete estabelecer as regras, a metodologia. O bom moderador tomou nota dos aspectos mais salientes de cada comunicação e apresentá-los-á ao abrir a discussão. Tudo está dependente, estritamente dependente, do tempo disponível, para evitar que alguém na sala se disponha a fazer ‘outra comunicação’, em vez

“Todas as teorias acabam por preconizar quanto há muito sabemos, mas não praticamos: a pausa, a meditação. [...] Antes de fazer uma comunicação numa reunião científica, ajustar tudo, serenamente, ao ambiente que nos vai receber. Para que a todos faça bom proveito!”

de pôr uma questão ou dar opinião sucinta sobre o que ouviu. Na «discussão» se põe à prova também a inteligência e o interesse do comunicante porque pode não lhe agradar que o interpelem ou, ao invés, guardar algo na manga para suscitar troca de impressões; nesse caso, ao ver que ninguém levanta o braço, ele próprio abre a conversa. É como num baile: o que custa é começar, o primeiro par só por poucos segundos está sozinho na sala...

Pronto, acabei. Todas as religiões, todas as teorias hoje insistentemente propagandeadas no sentido de nos incitarem à serenidade acabam por preconizar quanto há muito sabemos, mas não praticamos: a pausa, a meditação. Antes de dar um passo, ver onde se vai pôr o pé. Antes de fazer a comunicação numa reunião científica, ajustar tudo, serenamente, ao ambiente que nos vai receber. Para que a todos faça bom proveito!

José d'Encarnação,
Cascais, 24 de Outubro de 2023